

O QUE VEM DEPOIS DO PROGRESSO? AGRICULTURA E DESTRUIÇÃO

JUSSEMAR WEISS GONÇALVES*

RESUMO: O artigo mostra as relações que ocorrem entre os interesses econômicos e a propriedade da terra no sudeste do Rio Grande do Sul. Sendo uma região de produção pecuária, na última década vem passando por um processo de transformação produtiva que tem como consequência a destruição cultural e ambiental da região.

PALAVRAS- CHAVES: memória. Trabalho, pampa. Agricultura, artesão, destruição.

ABSTRACT: The article shows the relations that occur between the economic interests and the landed property in the southeast of Rio Grande do Sul. Being a livestock production region, has, in the last decade, been passing through a productive transformation process that has, as a consequence, the cultural and environmental destruction of the region.

KEY-WORDS: culture, work, livestock, lea, knowledge.

Nosso artigo trata de mostrar como nos últimos anos, o espaço pampeano vem sofrendo uma série de ataques que se constituem a partir tanto de políticas públicas quanto de ações de particulares, isto é, proprietários que em nome da produtividade não se constroem em destruir matas, envenenar arroios, ou mesmo destruir obras do trabalho humano como veremos a seguir no texto. Nosso trabalho é fruto do cruzamento metodológica a

* Doutor e Pós-Doutor em Educação pela FAGED/UFRGS. Professor do Curso de História do ICHI/ FURG. E-mail: jussweiss@hortmail.com

partir da construção de um referencial antropológico-histórico, já que buscamos compreender o que relatamos, sem nunca esquecer o seu movimento na longa duração, isto é, o que aparece no texto não é, apenas, resultado da política de governos que estiveram no poder nos últimos anos, mas a articulação de uma história da pecuária na região com os relatos dos habitantes que viveram, ontem, e que vivem, hoje, um movimento de construção desse espaço através de interesses econômicos voltados para a exploração do território.

Esta destruição sobre a qual escrevemos se insere em um quadro de recuperação econômica da região sul do Estado do Rio Grande do Sul, levada a efeito por governos que buscando elevar o nível de arrecadação de impostos, de trabalhadores com carteira assinada, ou seja, dar um padrão de desenvolvimento para as cidades da campanha sul-riograndense, que até esta data ainda não se tornou realidade.

Nosso trabalho situa-se na região da serra do Herval, mais especificamente no município de Herval. Este município conta hoje com seis mil e setecentos habitantes (6.700) em sua maioria descendentes de trabalhadores ligados a pecuária, gaúchos que vão viver de aposentadorias na periferia da cidade. Esta cidade está situada a trezentos e oitenta quilômetros (380) da capital e a cento e quarenta quilômetros (140) de Pelotas, cidade polo da região.

Enquanto pesquisadores, temos observado este município desde os inícios dos anos 2000, e, já, podemos notar uma certa tendência no que tange ao movimento dos interesses econômicos na cidade, isto é, a partir de fomentos do Estado, ou do mercado, a cidade passa por processos de investimentos que aproveitam-se da região, mas que não deixam nada de duradouro no local. Como disse o Sr. Pedro, ao referir-se a chegada da soja a partir dos anos 2012: “ quem planta não é daqui, o diesel não é daqui, as máquinas não são daqui, nada fica aqui”.

Não é apenas a terra que passa por uma constante destruição em função da aplicação exagerada dos agrotóxicos, mas formas de trabalhos são destruídas, desprezadas e com elas os seres humanos que as edificaram ao longo de anos de aprendizado

tradicional, isto é, saberes que se articulavam de uma forma geracional, como veremos adiante neste artigo.

Esta cidade vive ciclos ligados a utilização da terra conforme as demandas do mercado e os interesses dos proprietários.

Herval no contexto platino: uma história feita a partir da expansão da pecuária de fronteira

O município surge no contexto das lutas por ampliação da fronteira do império português na região platina, no contexto do tratado de Santo Ildefonso, 1777. A partir da chegada das forças portuguesas que se concentraram para a expulsão dos espanhóis em 1773, passou por um processo de ocupação marcadamente militar, com a doações de sesmarias aos comandados de Rafael Pinto Bandeira. Estes militares, através de criações de estâncias, tomaram esse território e o fizeram um lugar vinculado a exploração da pecuária, embora, também, houvesse a presença de uma agricultura em pequena escala, produzindo mandioca, trigo e abóbora. A inserção desta região “Serra do Herval” ao Império se fez então mediante ao desenvolvimento de uma pecuária extensiva, que cresce como uma cultura de fronteira, isto é, a presença do contrabando de animais, juntamente com os deslocamentos dos marcos fronteiriços, faziam da região da serra do Herval um lugar que concentrava população e comércio. Da cidade de Melo partia uma estrada que transpunha a fronteira, rio Jaguarão, no passo do centurion, e chegava até a vila de Herval. Existia nesta época um corredor comercial envolvendo brancos, charruas, animais e mercadorias que se realizava entre esses dois centros.

Assim podemos constatar que esta região de Herval assume neste contexto de disputa territorial um espaço próprio que a faz movimentar uma rede de contatos envolvendo um território que se estendia até a lagoa Mirim em direção a costa e se adentrava em direção as localidades que hoje fazem parte dos municípios de Piratini, Pinheiro Machado, Pedras Altas e Bagé. Como centro de uma região de grande comércio em uma região que compreendia dois impérios, Herval vai despontar como centro

de criação de gado, couro, em um primeiro momento. Deste momento até meados dos últimos anos do século XX, esta cidade vai ser marcada pela produção pecuária.

Esta especialização produtiva que, também diz respeito a região sul do Estado, vai desenvolver uma cultura própria, envolvendo, trabalhos, humanos, e a criação de um mundo singular que é aquele da Estância.

Este ciclo compreende, então, o período de grande expansão da criação de gado e de ovinos, através de grandes propriedades, latifúndios, que se constituíam como uma forma de vida, já que, uma grande estancia parecia uma pequena cidade, com atividades variadas, umas ligadas especificamente ao trato dos animais, que envolvia os gaúchos, outras ligadas a manutenção de uma pequena lavoura de onde viam os produtos que junto com a carne compunham a dieta dessa sociedade. Havia também escravos que realizavam serviços tanto na casa como no campo, tanto na lavoura como com o gado.

A partir do início do século XX começa um processo de mudança na forma de produção e organização da pecuária. Esta transformação se dá em função da busca da melhoria das raças dos bovinos. Este novo período vai implementar a criação de uma especialização no campo envolvendo o trabalho do gaúcho, uma vez que começa, então, um longo caminho que culmina com sua expulsão do campo, ou da redução de espaço para o seu saber no cotidiano da estância.

A implementação de banhos contra pragas dos bovinos nos inícios do século XX até a total medicalização dos rebanhos como se vive hoje, e que a presença do veterinário de uma forma constante nas estâncias marca bem, revela o caminho da exclusão do gaúcho de seu lugar de trabalho e conseqüentemente de sua arte, isto é, de um mundo no qual a lida passava pelo saber instituído de uma forma tradicional e realizado a partir de uma sabedoria que dialogava com a natureza.

O tempo de apreender compreendia o tempo vivido com o pai ou outra figura adulta, que lhe iniciava nas artes da lida, domar, o alambrar, trabalhar o couro, camperear, que envolve conhecer caminhos, reconhecer animais e identificar doenças,

como também sentir a qualidade do pasto. Saberes que instituem uma vida, vida vivida em uma natureza que dialogava com os sujeitos, pois que ela, a natureza, participava de suas decisões na medida em que compunha com eles, os sujeitos, a solução.

A natureza fornecia os meios a partir dos quais os humanos construía suas soluções. A natureza fornecia a pedra e o artesão apreendia seu trabalho com a pedra através de um longo caminho que envolvia toda a vida. As cercas de pedras, os empedrados, as casas de pedras, revelam essa arte oral. A natureza fornecia a árvore, esta região é rica em matas ciliares, nas encostas dos rios e arroios, e o artesão reconhecia sua qualidade como madeira para fazer um moirão, um pique, ou mesmo uma roda de carreta, ou uma tesoura para sustentar o teto da casa.

Este diálogo se realizava na medida em que os saberes eram produzidos com os meios que a natureza dispunha ao humano que o transformava em uma habilidade. Este tipo de ação não tem como resultado a destruição da natureza, pois o limite é claro. A necessidade determinava a utilização, portanto limitada, e não o lucro que sustenta uma exploração sem limites levando a destruição do ambiente.

O que se nota pela pesquisa etnográfica, é que a população que habita hoje a cidade vive e constitui sua identidade a partir desse mundo da estância. Seu João, antigo capataz, nos diz: “a vida era diferente, todos s ajudavam, o patrão era bom, deixava a gente morar no campo, meu pai morou lá a vida toda sem problemas”.

A vida de cada um desses sujeitos se constituía através de uma memória sobre um tempo que hoje não está mais presente, mas que é dele que eles arrancam o sentido que faz com que suas vidas tenham começo, meio e fim, isto é, sentidos. Ter sentido quer dizer viver em um mundo cujos signos são dominados e compreendidos, onde o lugar de cada um existe. É claro que estes sujeitos não pensavam o patriarcalismo e a construção hierárquica desta sociedade, na qual os direitos são muito difusos.

A necessidade da racionalização da produção pecuária, mediante controles contábeis e sanitários, retirou de uma forma definitiva o lugar de *saber* que ocupava o trabalhador, o gaúcho,

no universo da estância. Embora sem valor, para o mercado essas obras continuavam em meio ao pampa, casas feitas por artesãos livres ou escravos, cercas de pedras dividindo poteiros, cemitérios com suas tumbas com gradil compondo uma paisagem que se institui como a do pampa.

O que se tornou

O importante neste momento no texto é ressaltar que a região de Herval não é mais somente pecuária, mas tornou-se, conforme escrevemos no início do artigo, uma região cuja penetração de projetos de desenvolvimento patrocinados pelo Estado, com subvenções, ou pela ganância de produtores de soja que chegam a este espaço atraídos pelo baixo preço da terra, uma região de destruição.

Como os “ditos projetos de reflorestamento da região sul” foram parar em várias cidades desta região do Estado, indústrias ligadas a fabricação de papel ou que realização parte dos trabalhos ligados a indústria papeleira? A partir do Rigoto (2002-2006-PMDB) e, seguindo com Yeda Crusius, (2006-2010-PSDB), a região foi invadida por estes projetos, que comprando milhares de hectares de terras, voltaram a instituir o latifúndio. Empresas de forma geral com parceiras e que tinham como objetivo produção de madeira para a indústria de celulose.

Dessa forma, Herval foi invadida pela monocultura da acácia e do eucalipto ao redor do início dos anos 2000. Notou-se na cidade a presença de intermediários que realizavam a venda das terras, cujos preços tinham sido acrescidos de uma forma vertiginosa, alcançando a soma de R\$ 3.000,00. Estes intermediários pressionavam os prováveis vendedores para que efetivassem a venda.

A partir de uma propaganda veiculada oficial que as cidades da campanha estariam recebendo o progresso que jamais tiveram, pois teriam mais empregos com carteira assinada, o comércio cresceria com o aumento da massa salarial. O que se viu foi uma terrível terceirização do trabalho organizada por empresas especializadas em contratar mão-de-obra.

O sistema de plantio dessas companhias necessitam de trabalhadores em poucos momentos durante o processo de produção. Concentra-se a utilização de trabalhadores durante os primeiros meses a partir do plantio. Quando divididos em grupos eles semeiam e aplicam os agrotóxicos necessários a germinação da semente. Após esses procedimentos a região é deixada aos cuidados de técnicos, estes sim funcionários da empresa. Mas durante este processo de plantio, a partir de relatos de empregados, notou-se o desenvolvimento de uma prática predatória em relação aos bens culturais que estavam espalhados pelo interior do municípios. Casas, cercas e tudo que pudesse ser motivo de disputa era sistematicamente destruído. Retroscavadeiras derrubavam casas centenárias, cercas de pedras viam a baixo, nada poderia sobrar. Eles limpavam a terra de seu passado e as transformavam em terras de lavoura, vazia de sentidos, sem histórias.

O que parecia a redenção da zona sul, tornou-se com a crise financeira de 2008 um projeto em estado falimentar. As terras plantadas com acácia e eucaliptos começaram a ser colhidos, sem que se saiba qual será o futuro de milhares de hectares na região da cidade de Herval.

Quanto ao aumento da massa salarial, e a melhoria das condições de vida da população, ainda é uma promessa que não se realizou. O que fica da experiência com a indústria da celulose na região é a destruição do passado, a partir da criação de uma outra paisagem, ou seja, uma paisagem composta por uma floresta artificial de uma mesma espécie, sombreando milhares de hectares de uma região que nunca teve floresta em tamanha extensão. A extinção de espécies animais e de vegetais marcam bem a paisagem desse tipo de exploração na região. Também a infra-estrutura sofre com a constante presença de caminhões nas estradas do interior do município que não foram preparadas para receber de uma forma cotidiana esse tipo de tráfego.

Da floresta artificial à penetração da soja

Com o processo de expansão da indústria de papel tivemos uma transformação da paisagem pampeana na região, em função

de uma prática sistemática de apagamento de pistas, isto é, as construções que marcavam a presença do humano e de uma forma cultural, foram simplesmente destruídas, com a entrada do cultivo da soja o que se observa e uma maior devastação da natureza, em função da liberação de espaço útil para o plantio e da utilização descontrolada de agrotóxicos.

Esse novo processo de invasão de uma nova cultura agrícola na região segue um esquema definido pela ausência de políticas públicas de longa duração que possam alterar o padrão de desenvolvimento no município. As iniciativas estão sempre ligadas ao mercado e aos interesses dos proprietários que manejam a partir de sua condição de proprietários os interesses econômicos da cidade.

Assim, o que torna a presença da soja marcante é a sua associação com a pecuária, a partir de um pressuposto equivocado da exploração da pecuária e da terra. Este erro aparece na falta de um cuidado com a terra, os campos sujos, tomados por pragas, cujo custo de recuperação supera as possibilidades econômicas dos pecuaristas.

O que acontece, verdadeiramente, é que os campos são deixados sem cuidados durante vários anos, o que os transforma em inaproveitáveis para o pastoreio, e ao mesmo tempo, pelo excesso de sujeiras no campo, o custo para fazer a roçada torna-se muito dispendioso. O preço do óleo diesel, o valor do trabalho do motorista do trator são despesas que o proprietário não quer arcar, preferindo entregar a terra ao plantador de soja que lhe promete roçar, deixar adubada e plantada com forrageiras.

Nota-se na região que este acordo nem sempre é levado a risco, pois geralmente são contratos firmados, apenas oralmente, sem nenhuma segurança jurídica, pois o que está em jogo é reduzir os custos da produção pecuária.

Outra forma de penetração da soja se realiza mediante arrendamento dos campos. Alegando falta de apoio, rentabilidade baixa, custos altos, os proprietários alugam aos “sojeiros” mediante um pagamento anual. O que se observa na região é, então, a transformação da paisagem da região e o esvaziamento dos campos tanto dos trabalhadores, pois a lavoura do soja é

feita a partir de uma plataforma mecanizada, como também nota-se a redução das matas ciliares, pois é preciso aumentar o número de hectares aráveis. Este aumento vertiginoso de espaços para o plantio se faz da mesma forma que na época da criação das florestas artificiais, ou seja, sem nenhum cuidado com as consequências sobre a flora e fauna.

Na verdade, a cidade enfrenta uma invasão de agricultores que saem da região noroeste do Estado, com tradição no plantio da soja, em busca de terras mais baratas, isto é, eles buscam reduzir gastos. Podemos notar que não sem razão esta procura por terra aumentou, já que os lucros da soja estão se mantendo estáveis e devem assim continuar por mais tempo.

É claro que não se espera o cuidado com a natureza por parte daqueles que veem apenas lucros, que buscam ganhar mais de uma forma rápida, sem medir as consequências para o seu entorno. Não tendo raízes culturais no local, estes agricultores realizam uma transformação na paisagem da região, agora de uma forma mais profunda que aquela produzida pela indústria do papel, já que eles reduzem as florestas nativas, contaminam os arroios, riachos e rios, e por fim substituem os trabalhadores por imensas máquinas que circulam pelas estradas do interior substituindo os cavaleiros, as tropiadas e o silêncio interiorano.

O que a pesquisa etnográfica nos alerta é a total ausência de um poder de Estado capaz de barrar a iniciativa privada. A partir de entrevistas que fizemos com habitantes da cidade interessados na proteção das matas as margens dos rios, riachos e arroios, notamos o descaso dos órgãos públicos ligados a defesa da flora e da fauna, IBAMA e SEMA, para com este tipo de ação colonizadora de nova investida sobre o pampa. Eles denunciaram o desmatamento, comprovaram com fotos e filmes, mas nada foi feito, diz o Marco: “tiramos fotos e fizemos um filme do fogo no mato, mandamos para o IBAMA, e a única resposta nos foi dada veio em forma de ameaça por parte de um proprietário que esteve aqui em casa dizendo que: “sabiam o que nós tínhamos feito”... “que não ia dar em nada”

O que se observa é a rápida degradação de um território cuja forma cultural aos poucos deixa de existir, em função da

penetração de novos interesses econômicos na região. O trabalho do gaúcho, sua lida, seu conhecimento, vai sendo esquecido pela presença do trator, da máquina de espalhar agrotóxico.

Os saberes locais perdem efetividade diante de um processo produtivo altamente racionalizado e tecnificado. Os habitantes da cidade não têm o que dizer diante desse fluxo que se coloca de uma forma avassaladora, não existe diálogo possível. Esta corrida ao soja também não emprega os trabalhadores da cidade, ao contrário, muito deixaram as estâncias pois seus proprietários em nome do rendimento das terras, as arrendaram aos agricultores, e hoje estão na cidade como carroceiros, auxiliares de pedreiros, habitando a pobre periferia da pequena cidade.

O que podemos observar a partir de nossa pesquisa é uma transformação lenta na paisagem cultural da cidade, um esvaziamento de sentidos que prefigura uma situação de mudanças profundas. Processos de memória e de identidade sofrem abalos no que tange a sua construção e aos poucos os municípios acostuma-se a conviver com uma destruição sem limites, quase naturalizada.